

TRILHA SONORA PARA O FIM DOS TEMPOS

ANTHONY MARRA

Trilha sonora para o fim dos tempos

TRADUÇÃO
Sergio Flaksman



Copyright © 2015 by Anthony Marra
Edição publicada mediante acordo com Hogarth Press, um selo de Crown Publishing
Group, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

The Tsar of Love and Techno

PREPARAÇÃO

Ilana Goldfeld

Marina Góes

REVISÃO

Tamara Sender

Luara França

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Elisa von Randow

IMAGENS DE CAPA

Coleção Jane McDevitt

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M322t

Marra, Anthony, 1984-

Trilha sonora para o fim dos tempos / Anthony Marra ; tradução Sergio Flaksman. -
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2018.
304 p. : 23 cm.

Tradução de: The tsar of love and techno

ISBN 978-85-510-0308-4

1. Conto americano. 2. Flaksman, Sergio. I. Título.

18-47265

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Janet, Lindsay e Rachel

“É uma obra menor.”

— Piotr Zakharov-Tchetchenets,
a respeito de seu quadro de 1834, *Pasto vazio à tarde*.

LADO A	
<i>O leopardo</i>	13
Leningrado, 1937	
<i>As netas</i>	55
Kirovsk, 1937-2013	
<i>O escritório de turismo de Grózni</i>	81
Grózni, 2003	
<i>O prisioneiro do Cáucaso</i>	105
Terras Altas da Chechênia, 2000	
INTERVALO	
<i>O tsar do amor e do techno</i>	137
São Petersburgo, 2010; Kirovsk, década de 1990	
LADO B	
<i>O lobo da Floresta Branca</i>	203
Kirovsk, 1999	
<i>O Palácio do Povo</i>	233
São Petersburgo, 2001	
<i>Uma exposição temporária</i>	265
São Petersburgo, 2011-2013	
<i>Final</i>	289
Espaço sideral, ano desconhecido	
<i>Agradecimentos</i>	299

L A D O A

O leopardo

LENINGRADO, 1937

Em primeiro lugar sou artista, e depois censor.

Precisei me lembrar disso dois anos atrás, quando me arrastei até um apartamento no terceiro andar de um prédio comunitário, onde morava minha cunhada viúva com o filho de quatro anos. Ela abriu a porta com as finas sobrancelhas franzidas, surpresa. Não esperava me ver. Nós não nos conhecíamos.

— Meu nome é Roman Osipovitch Markin — apresentei-me. — Irmão do seu marido.

Ela assentiu e a mão percorreu a prega da saia cinza surrada enquanto se afastava para me deixar entrar. Se a menção a Vaska lhe tinha causado algum espanto, ela disfarçou bem. Usava uma blusa desbotada com botões acobreados. As linhas profundas que o pente riscara em seus cabelos úmidos e escuros pareciam traçadas a lápis carvão.

Havia um garoto jogado no assento do meio do divã, arqueado por seu peso. Meu sobrinho, imaginei. Pelo bem dele, desejei que se tornasse mais parecido com a mãe ao crescer.

— Não sei o que meu irmão lhe contou, mas trabalho no Departamento de Agitação e Propaganda do Partido. Você tem ideia do que faço?

— Não — respondeu o garoto.

A pobre criança tinha herdado a testa do pai. Seu futuro estava condenado ao uso de chapéu.

— Seu marido nunca disse nada a meu respeito? — perguntei à mulher.

— Ele disse que tinha um irmão que era uma espécie de idiota da aldeia em Pavlovsk — respondeu ela, num tom um pouco mais animado. — Mas nunca me disse que você estava ficando careca.

— Não é tão ruim quanto parece — rebati.

— Se importa em adiantar logo o motivo dessa visita?

— Todo dia vejo fotografias de traidores, vândalos, sabotadores, contrarrevolucionários, inimigos do povo. Nos últimos dez anos, eram só uns poucos por dia. De uns meses para cá, o número aumentou. Eu recebia uma pasta fina todo mês. Agora, chega uma todo dia de manhã. Daqui a pouco, vai ser uma caixa. E depois muitas caixas.

— Mas com certeza você não veio até aqui para me falar dos problemas do seu escritório.

— Vim prestar um último favor ao meu irmão.

— E que favor seria esse? — perguntou ela.

Senti minha coluna se contrair. Minhas mãos pareciam tão grandes que nem cabiam nos bolsos. A verdade é que aquilo era uma coisa horrível de se dizer em voz alta.

— Garantir que a infelicidade dele não afete o restante da família.

Ela juntou todas as fotografias que tinha de Vaska, como lhe pedi. Nove ao todo. Um retrato de casamento. Um dia no campo. Um registro do dia em que se mudaram para a cidade, o primeiro ato da vida dos dois como habitantes de Leningrado. Uma de Vaska ainda menino. Ela se sentou no divã e mostrou cada uma das fotos ao filho pela última vez, antes de trazê-las para o quarto.

Alinhou as fotografias na escrivaninha. O quarto dela estava praticamente vazio. A cama, ainda grande o bastante para três, o cobertor bem esticado cobrindo o volume flácido dos travesseiros. Agora ela devia dividi-la apenas com o filho.

Empurrei pela mesa uma moeda de um rublo, com o lado da foice e do martelo virado para cima.

— O que eu faço com isso?

Indiquei as fotos com a cabeça.

— Você sabe o que tem que fazer.

Ela balançou a cabeça e, com um gesto de varredura do antebraço, lançou em órbita uma pequena galáxia de grãos de poeira, derrubando a moeda no chão.

Será que ainda amava meu irmão? Difícil de acreditar. Tinha sido considerado culpado de radicalismo religioso em uma corte justa e imparcial. Havia recebido a única sentença aplicável a um louco que envenenava os outros com a ilusão de que um céu está à nossa espera. O paraíso só é possível aqui na Terra, apenas se produzido por nós mesmos. Ninguém deveria invejar a devoção cega daquela mulher a um homem que tinha se provado indigno do seu amor. Ninguém.

Ela apoiou a palma das mãos nas fotografias e afastou os cotovelos para proteger as imagens com suas costas largas, um instinto que sugeria uma criatura faminta defendendo suas últimas migalhas, e isso podia ser verdade: o estômago não é o único órgão vital que sente fome.

— Vá embora — disse a mulher com um tom ríspido.

Ela olhava para as costas das mãos.

— Nos deixe em paz.

Eu podia ter dado meia-volta e saído do quarto, fechando a porta e encerrando o assunto. Já tinha feito bem mais do que me cabia. Mas alguma coisa mantinha meus pés pregados às tábuas do assoalho. Muito embora o conceito de família viesse desaparecendo da história tão depressa quanto as carruagens, eu próprio não tinha mulher nem filho, e queria que alguém com o mesmo sangue que eu sobrevivesse para ver o paraíso que nos dedicávamos a construir. Queria que aquele garotinho do divã crescesse e se transformasse num construtor ativo do comunismo que, ao se tornar um velho gordo e feliz, recordasse sua vida sabendo que a sociedade sem defeitos à sua volta justificava a morte do pai e, então, que se sentisse grato pela lição que o tio lhe dera, com quem teve um encontro breve numa manhã fria de inverno, anos antes.

Uma bobagem. Eu sei.

Segurei o punho dela e coloquei a moeda entre seus dedos.

— Não estou aqui para causar qualquer mal a você. Vim para garantir que nada lhe aconteça. Seu marido era inimigo do povo. O que você acha que vai

acontecer se os homens da NKVD revistarem o apartamento e encontrarem essas fotos? Preciso entrar em detalhes?

Qualquer que fosse o sentimento desnudado que se espriaiara pela escrivaninha, ela o recolheu dentro de si. E continuou segurando a moeda depois que a soltei. Aquela moeda poderia comprar um bolo de carne, um bloco de desenho, um doce, uma barra de sabão; colocada na palma de qualquer outra pessoa, poderia se transformar no ponto mais luminoso de um dia opaco, mas as moedas não têm como escolher o próprio destino.

— Por que você não cuida disso? Você é o artista. É o seu trabalho.

Consultei meu relógio.

— Só começo a trabalhar em uma hora.

Quando ouvi o ruído seco da moeda raspando o papel fotográfico, eu lhei as costas. Na sala, o menino continuava sentado em silêncio, examinando as linhas finas que traçavam sulcos em suas mãos.

Era impressionante a semelhança com o pai. Um nariz a cujo tamanho o restante do corpo ainda não correspondia; fartos e rebeldes cabelos pretos, cada um dos folículos apontando numa direção diferente; lábios franzidos reduzidos ao tamanho de um botão. Eu tinha cerca de oito anos quando Vaska era da idade dele. No verão, passávamos os dias correndo pelos campos e florestas, e à noite transmitíamos ao outro mensagens codificadas pela parede que separava nossos quartos; cada um tinha o seu. Eu o obrigava a posar sentado para mim em todo tipo de situação de sombra ou luz, para desenhar seus traços e preservar no papel sua expressão em carvão. Não fosse Vaska, eu nunca teria me tornado artista. O rosto dele tinha sido meu aprendizado.

— Você fala? — perguntei.

Ele assentiu.

— Com parcimônia, pelo que estou vendo. Qual é o seu nome?

— Vladímir.

Apertei o ombro dele e o garoto franziu o rosto, surpreso com o gesto súbito de afeto. Tinha o mesmo nome que Lênin, um sinal auspicioso.

— Quero ver se você pode me fazer um favor — propus. — Aceita tentar?

Ele assentiu novamente.

— Olhe reto para mim — instruí, depois passei a mão rapidamente bem perto de sua orelha. — Quantos dedos levantei?

Ele me mostrou quatro.

— Muito bem. Você tem um ótimo olho. Um dia, vai poder ser um atirador de elite ou trabalhar como vigia. Vou lhe contar a história do tsar e do quadro. Você conhece?

O raspar da moeda no quarto podia ser o som de folhas farfalhando ao vento; podíamos estar longe dali, numa *datcha*, no campo, com o sol ardendo bem acima de nossa cabeça.

— Não, imagino que nunca tenha escutado. Começa com um jovem que derruba um tsar que era mau e vira o novo tsar. Ele promete aos súditos o fim de todos os problemas se lhe forem obedientes. “E como vai ser esse novo reino?”, perguntam os súditos. O tsar pensa e então encomenda aos pintores da corte um quadro mostrando como será o novo reino.

“No começo, o quadro só tem poucos metros de largura, depois ocupa dezenas de metros e, posteriormente, centenas. Em pouco tempo, alcança quilômetros e quilômetros de largura. É um quadro imenso, entende? E para ficar pronto precisa de muito material. O linho que serviria para vestir os súditos do tsar é requisitado para a tela. A madeira que construiria casas é requisitada para a moldura.

“Quando os súditos passam frio, o tsar lhes diz para contemplar o quadro e ver os lindos casacos e as lindas peles que logo irão usar. Quando dormem ao ar livre, ele lhes diz para olhar o quadro e ver as lindas casas em que logo irão morar.

“Os súditos obedecem ao tsar. Sabem que, se desviarem os olhos do quadro e virem o que está à sua volta, se enxergarem o mundo tal como é, o tsar os fará desaparecer numa nuvem de fumaça. E logo os súditos ficam congelados ali mesmo, imobilizados, tal qual as imagens que os refletem no quadro.

O menino me olhava com uma expressão entediada. Devia estar acostumado a ouvir histórias melhores. A literatura infantil desperta menos atenção dos censores que a literatura para adultos, então, naturalmente, nossos melhores escritores se concentravam aos montes nesse gênero.

— Quantos dedos levantei? — perguntei.

Ele ergueu três.

Fui deslocando a mão para os extremos de seu campo de visão.

— E agora, quantos?

Ele levantou um.

— E agora?

Ele começou a virar a cabeça, mas o repreendi:

— Olhe para a frente. As pessoas que aparecem numa pintura não podem virar a cabeça para ver quem está atrás delas. Então, você também não pode.

— Não estou vendo quantos dedos. Sua mão está longe demais.

— Exatamente. É lá que está seu pai. Ali, pintado no fundo, atrás da sua cabeça, num lugar que você não tem como ver. Está lá, mas você não tem como se virar para ver.

O som do raspar da moeda tinha cessado havia algum tempo. Quando ergui os olhos, a mãe do menino estava parada na porta do quarto. Voltei para lá atrás dela. As fotos estavam arrumadas sobre a mesa. Em cada uma delas, um único rosto tinha sido raspado com tal violência que era possível ver através do buraco os veios da madeira da mesa. Meus olhos doeram ao ver aquilo, e tive que fechá-los.

— Tire uma fotografia do seu filho todo ano — recomendei. — Se você for presa, ele irá para um orfanato do Estado, sabe-se lá onde. Com uma foto recente, você terá mais chances de encontrá-lo.

Eu já estava na porta quando ela agarrou meu punho e me obrigou a dar meia-volta.

— Não pode ser só isso. Você deve mais ao meu marido.

— É o máximo que posso fazer.

A mão dela estava no meu pescoço. O menino continuava ali sentado, do outro lado da sala, observando tudo com olhos escuros e inexpressivos. O que enxergava quando me via? Você continua a ser o herói da sua própria história até mesmo depois de se tornar o vilão da história de outra pessoa. O peito da mãe pressionou meu antebraço.

— Você é do partido — insistiu ela. — Faça alguma coisa. Transfira a gente para algum lugar.